

Avohanne Isabelle Costa de Araújo

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Humanidades, Campina Grande, PB, Brasil.

avohanneu@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0002-7642-2790>

As Lembranças de Laurentino Bezerra de Medeiros como importante fonte de estudos sobre o sistema alimentar sertanejo do Seridó - RN (1856-1879)

The Memories of Laurentino Bezerra de Medeiros as an Important Source for Studies on the Food System of the Seridó Region - RN (1856-1879)

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar as memórias escritas pelo fazendeiro Laurentino Bezerra de Medeiros, que podem servir como importante fonte para investigar o sistema alimentar sertanejo do Seridó Potiguar, no recorte temporal de 1856 a 1879. A metodologia conta com o cruzamento das informações levantadas a partir dos registros de Medeiros, que tratam desde a lida com o gado até a oscilação dos gêneros alimentícios e a fome, com os dados dos relatórios provinciais e dos jornais do Rio Grande do Norte e o diálogo com uma bibliografia que versa sobre história da alimentação numa perspectiva histórico-antropológica. A fonte articula memória individual por comportar as experiências pessoais de um fazendeiro a memória coletiva, pois sua escrita está inserida em contextos sociais do sertão, que atuaram como base para o trabalho da reconstrução de suas memórias, deixando de ter apenas a dimensão individual, pois não coexiste

isolada de um grupo e das múltiplas relações sociais que a envolve. Mesmo que o relato tenha características autobiográficas, devemos ter em mente que não é uma prática neutra, pois envolve escolhas e omissões, ditos e não-ditos do que será narrado. Os resultados demonstram que Medeiros se preocupou em descrever o cotidiano das feiras, a Revolta de Quebra Quilos e como o abastecimento das cidades ficou comprometido em virtude da seca de 1877, além de relatar as crises de fome ocasionadas pela estiagem no Rio Grande do Norte.

Palavras-chave: Laurentino Bezerra de Medeiros; Seridó; História da alimentação.

Abstract: This article aims to analyze the written memoirs of the farmer Laurentino Bezerra de Medeiros, which can serve as an important source for investigating the food system of the Sertão region of Seridó Potiguar, within the time frame of 1856 to 1879. The methodology involves cross-referencing information gathered from Medeiros' records, which cover everything from cattle handling to the fluctuation of food prices and famine, with data from provincial reports and newspapers of Rio Grande do Norte, and engaging with a bibliography on the history of food from a historical-anthropological perspective. The source articulates individual memory, encompassing the personal experiences of a farmer, with collective memory, as his writing is embedded in the social contexts of the Sertão, which served as a basis for the reconstruction of his memories. It transcends a purely individual dimension, as it does not exist in isolation from a group and the multiple social relations that surround it. Even though the account has autobiographical characteristics, we must bear in mind that it is not a neutral practice, as it involves choices and omissions, what is said and unsaid in what will be narrated. The results demonstrate that Medeiros was concerned with describing the daily life of the markets, the Quebra Quilos Revolt, and how the supply of goods to the cities was compromised due to the drought of 1877; in addition to recounting, the famine crises caused by the drought in Rio Grande do Norte.

Keywords: Laurentino Bezerra de Medeiros; Seridó; History of food.

O seri, meu Seridó¹ de Laurentino Bezerra de Medeiros

A fonte que iremos investigar neste estudo trata-se de um relato memorialista, escrita pelo fazendeiro Laurentino Bezerra de Medeiros. Neste artigo, iremos analisar como as *lembranças oferecidas a meu filho Ulisses*, escritas por Medeiros, podem servir como importante fonte para investigar o sistema

¹ Este trecho, que nomeia o tópico do artigo, foi tomado de empréstimo da canção Seri, Seridó, composta pelo cantor Elino Julião da Silva (1936-2006), natural da cidade de Timbaúba dos Batistas, município do Rio Grande do Norte. Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/elino-juliao/1744503/>. Acesso em: 29 de agosto de 2025.

alimentar sertanejo do Seridó Potiguar. Por meio de sua escrita, Medeiros (1833-1898) se apresenta, ao escrever que era filho primeiro de João Bezerra Galvão que, em sua versão, foi assassinado por dois de seus escravizados (Paulo e Joaquim), aos 21 de dezembro de 1844. Por sua vez, sua mãe se chamava Ana Joaquina de Medeiros. No dia 13 de novembro de 1851, se casou com Tereza Aureliana de Jesus, com quem teve 16 filhos.²

No que diz respeito às características e estilos de escrita, é perceptível que ordenou e deu sentido às suas memórias separando-as por ano, na qual inicia-se em 1856 e termina em 1879, sendo este o recorte temporal adotado em nossas investigações. As informações registradas trazem dados tanto do cotidiano da sua fazenda, como a plantação de hortaliças, por exemplo, até fatos que ocorreram na Província do Rio Grande do Norte oitocentista como a epidemia de cólera e as constantes secas.

Outro aspecto a ser destacado é que o autor escrevia do jeito que falava. Conforme destaca Araújo, “o som é que decidia a escrita do autor”.³ Por este motivo, quando formos fazer citações diretas às memórias de Medeiros, iremos respeitar o estilo de escrita do personagem, pois acreditamos que o modo de escrever está intrínseco a personalidade e maneira de se expressar do fazendeiro.

Assim, *As lembranças oferecidas a meu filho Ulisses aos 2 de abril de 1877* chegaram até nós em formato de livro. Suas memórias foram organizadas por Ausônio Tércio de Araújo, bisneto do autor, Muirakytan K. de Macêdo e Julie A. Cavignac publicado por meio da editora Biblioteca Seridoense da cidade de Caicó, no ano de 2015. A publicação também está disponível em suporte digital nos sites do Repositório Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Norte-UFRN e na Biblioteca Digital *Tronco, Ramos e Raízes*, na sessão de *Trabalhos Acadêmicos*.⁴

Conforme especifica o título do livro, Laurentino Bezerra de Medeiros escreveu de próprio punho estas memórias, dedicadas, principalmente, ao seu filho Ulisses Telemaco. Segundo Cavignac e Macêdo, foi Telemaco quem datilografou este manuscrito, cujo documento estava sob a guarda do Monsenhor

² Ausônio Tércio de Araújo. *Lembranças oferecidas a meu filho Ulisses aos 2 de abril de 1877*. Biblioteca Seridoense: Caicó, 2015, p. 13-14.

³ Ausônio Tércio de Araújo, *op. cit.*, p. 6.

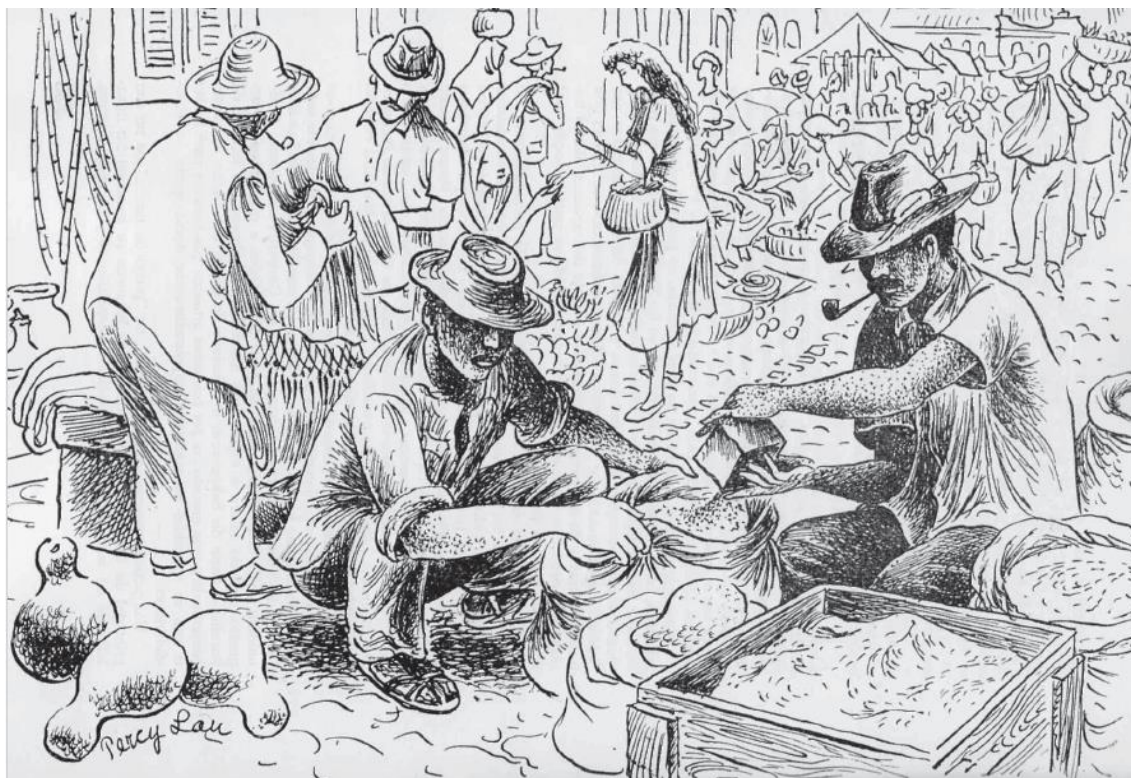
⁴ Link para download pelo site do Repositório Institucional da UFRN <https://repositorio.ufrn.br/items/2e31723f-22a3-447c-a409-83b51c074cfe> e da Biblioteca Digital *Tronco, Ramos e Raízes* https://museutronco.cchla.ufrn.br/?page_id=114. Acesso em: 05 de junho de 2025. O projeto Tronco, ramos e raízes, coordenado pela professora e antropóloga Julie Cavignac, vinculada à Universidade Federal do Rio Grande do Norte, publicou as memórias de Laurentino Bezerra de Medeiros com o objetivo de preservar a memória deste sujeito, mas também de desenvolver pesquisas que preservam a memória e história das populações afro-brasileiras no Seridó. Ausônio Tércio de Araújo; Muirakytan Macêdo; Julie Cavignac (orgs.). *Lembranças oferecidas a meu filho Ulisses aos 2 de abril de 1877*. Biblioteca Seridoense: Caicó, 2015. p. 10.

Ausônio Tércio de Araújo, bisneto e neto de ambos, respectivamente.⁵ Portanto, percebemos que esta ação do filho demonstra que houve uma preocupação em preservar as memórias pelas quais seu pai te deixou de legado. Sobre a preservação do manuscrito, Cavnag e Macêdo destacam que este é um primeiro

movimento de preservação da memória em tempos técnicos, afinal a máquina de datilografia seria um artefato que iria influenciar no suporte documental (por vezes, incorporando erros de datilografia na transcrição), assim como na própria escrita memorialística.⁶

Ao refletirmos sobre o gesto do pai de Ulisses Telemaco, pensamos que esta foi a maneira que aquele encontrou para existir no cotidiano do seu filho, ao escolher compartilhar fatos que ocorreram não só em sua fazenda, mas também em outras localidades do Rio Grande do Norte, no intuito de, provavelmente, prepará-lo para o futuro.

A imagem que os organizadores escolheram para compor a capa do livro nos revela um dos cenários que está presente nas narrativas do mencionado fazendeiro, conforme vemos abaixo.



Fonte: Imagem da capa do livro: Ausônio Tércio Araújo, Muirakytan Macêdo e Julie Cavnag (org.). *Lembranças oferecidas a meu filho Ulisses aos 2 de abril de 1877*. Biblioteca Seridoense: Caicó, 2015.

⁵ *Idem*, p. 9.

⁶ *Idem*.

Intitulada de *A feira sertaneja*, de autoria de Percy Lau,⁷ a ilustração mostra o cotidiano de homens e mulheres vendendo e comprando os mais variados alimentos na feira livre. Os itens são armazenados em sacos, caixotes, balaies, expostos no chão, nas barraquinhas, sendo carregados nas mãos, nas costas, em cestos e na cabeça. Pelo menos na imagem, não é possível ver a presença de instrumentos de medição, como balanças. Inclusive, o homem de chapéu, que aparece no canto direito, utiliza um recipiente para colocar os grãos na sacola do seu cliente. Este aspecto é importante de ser observado, porque mais adiante, iremos destacar as memórias que Medeiros registrou sobre a Revolta do Quebra Quilos.

Ausônio Tércio de Araújo demarca em *aos seridoenses e outros brasileiros*, que os alimentos presentes nas memórias de Laurentino não tratam de cana e engenhos, mas sim de mandioca e casas de farinha, “mesmo que o gado vacuum seja primordial na alimentação e economia seridoenses”.⁸

No tocante à região do Seridó,⁹ destaca que é um pedaço singular do semiárido, pois seus antigos habitantes construíram uma comunidade muito especial com uma história muito rica e situa Laurentino Bezerra de Medeiros neste espaço. A configuração histórica do Seridó foi determinada pelas elites algodoeiro-pecuaristas formada pela extensão fundiária demandada para o criatório do gado. Mesmo que esteja circunscrita em um ambiente semiárido com

⁷ Nasceu em 1903 em Arequipa, no Peru, filho de alemães, veio para o Brasil, onde se naturalizou. Desenhista de forma autodidata, começou trabalhando em Recife e mais tarde no Rio de Janeiro, onde estudou gravura com Carlos Oswald. Foi um dos fundadores do “Movimento de Arte Moderna do Recife” e em 1932 montou um atelier com Augusto Rodrigues. Recebeu medalha de prata em 1938 no Salão Oficial, em 1943 pelo Museu Nacional de Belas Artes, em 1953, no 2º Salão Nacional de Arte Moderna, no Rio de Janeiro e em 1963, conferida pela câmara Brasileira do Livro, premiado como o melhor ilustrador do ano. Recebeu o Prêmio Jabuti em 1964 pelas ilustrações da obra Santa Maria do Belém Grão Pará e, em 1970, recebeu medalha de ouro pela A.S.C.B. Possuidor de um traço inconfundível, retratou os tipos e aspectos do Brasil com uma técnica e precisão até hoje inigualáveis, tamanho o detalhamento de suas minuciosas ilustrações. Sua obra foi consagrada pela reunião de diversos elementos regionais iconográficos e pela majestosa representação das paisagens naturais. Além de ilustrador, Percy Lau participou de movimentos da vanguarda de sua geração com grandes nomes das artes plásticas do Brasil, tais como: Augusto Rodrigues, Guinard, Milton da Costa, Djanira Portinari e Santa Rosa. Faleceu em 1972 no Rio de Janeiro. Informações disponíveis em: <https://www.percylau.com.br/> e <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/7616-percy-lau>. Acesso em: 05 de junho de 2025.

⁸ Ausônio Tércio de Araújo. *Lembranças oferecidas a meu filho Ulisses*, op. cit., p. 5.

⁹ Pelos critérios geográficos atuais do IBGE, o Seridó localiza-se na mesorregião central do Rio Grande do Norte e é dividido em duas microrregiões: Seridó Ocidental e Oriental. De acordo com Ione Moraes, as explicações sobre a etimologia da palavra trazem duas versões: para uns Seridó é um vocábulo indígena que significa “pouca folhagem”; para outros, é palavra derivada do hebraico *sarid*, que significa “aqui Deus gostou de morar”. Ione Rodrigues Diniz Moraes. *Seridó norte-rio-grandense: uma geografia de resistência*. Caicó: Ed. do autor, 2005, p. 23.

oscilações pluviométricas, a região do Seridó conseguiu produzir uma agricultura de autossustento.¹⁰

No tocante aos aspectos sociais, o Seridó do século XIX possuía uma sociedade composta por proprietários de terras, pelos/as pobres livres e, em cuja base, estavam os/as negros/as escravizados/as e libertos/as, indígenas sobreviventes das guerras, mestiços/as e cristãos/ãs-novos/as, uma sociedade multiétnica que formou os troncos familiares do Seridó,¹¹ que viviam uma rotina pastoril e agrícola.

A cidade de Currais Novos (ver mapa abaixo), na qual vivia Laurentino Bezerra de Medeiros, faz parte da região do Seridó e as heranças desse processo histórico se inscrevem e se territorializam no topônimo que habitava.

Compreender o lugar que o dito personagem vivia é importante, pois a configuração territorial do Seridó é fundamental para entendermos que as escolhas e os gostos alimentares, advindos das produções agrícolas e atividades econômicas das fazendas foram determinantes para a formação identitária do sistema alimentar sertanejo, conforme defendem Julie Cavignac e colaboradores.¹²

Então, o cenário ao qual Medeiros estava inserido era predominantemente um Seridó rural. A sua fazenda dispunha de um açude e vivia da criação de gado e de hortaliças que cultivava, assim como possuía escravos, conforme chega a mencionar em seus relatos.

Apesar da vida rural, Laurentino não deixava de destacar a vida na zona urbana com as feiras e as levas de retirantes que migravam em virtude da seca. Neste período, as fazendas eram os principais *locus* de produção alimentícia e de sociabilidade no Seridó.¹³

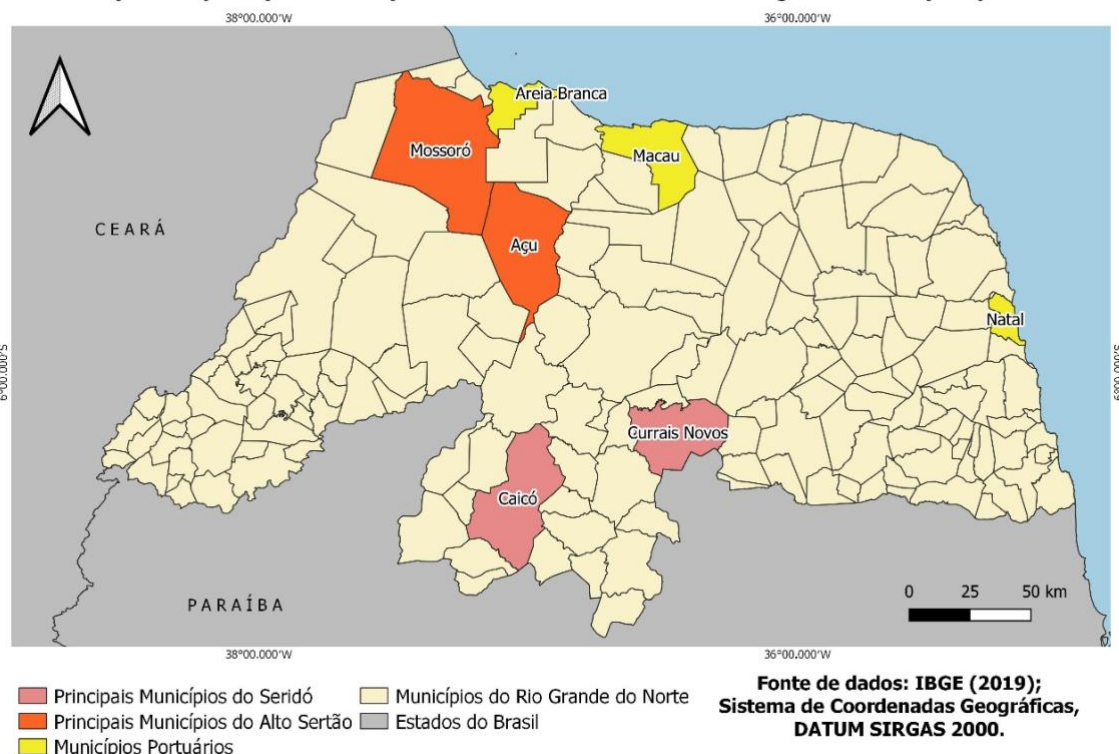
¹⁰ Muirakytan Kennedy de Macêdo. *A penúltima versão do Seridó: uma história do regionalismo seridoense*. Natal/ Campina Grande: EDUFRN/ EDUEPB, 2012, p. 20. E Julie A. Cavignac, Muirakytan Kennedy de Macêdo, Danycelle Silva e Maria Isabel Dantas. *Comida da terra: notas sobre o sistema alimentar do Seridó*. Natal: Sebo Vermelho, 2018, p. 12.

¹¹ Julie A. Cavignac, Muirakytan Kennedy de Macêdo, Danycelle Silva e Maria Isabel Dantas. "O Seridó nas panelas: história, organização social e sistema alimentar". In: Ellen Woortmann. Julie A. Cavignac. *Ensaio sobre a antropologia da alimentação: saberes, dinâmicas e patrimônios*. Natal: EDUFRN, 2016, p. 96-97. E Maria Regina M. Furtado Mattos. *Vila do Príncipe-1850/1890 Sertão do Seridó – Um estudo de caso da pobreza*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1985, p. 236.

¹² Julie A. Cavignac et. al. *Comida da terra, op. cit.*

¹³ *Idem*.

Localização dos principais municípios do Seridó e do Alto Sertão Potiguar e municípios portuários



Laurentino Bezerra de Medeiros era descrito¹⁴ como um homem pertencente a uma das principais famílias deste sertão, detentor de “uma reputação ilibada” e boa posição social, chefe do partido liberal, “um cavaleiro distinto, leal e amigo, que estendia sua mão caridosa ao distribuir esmolas para mitigar a fome dos desvalidos frutos das secas no sertão”.¹⁵

Quanto à causa abolicionista, foi nomeado presidente da Comissão Libertadora de Currais Novos em 1888¹⁶. Portanto, estamos diante de um

¹⁴ Os organizadores Ausônio Araújo, Muirakytan Macêdo e Julie Cavnignac nos explicam que estas descrições que aparecem no final do livro a respeito do personagem em tela foram possivelmente publicadas em jornal.

¹⁵ Ausônio Tércio de Araújo, *op. cit.*, p. 58.

¹⁶ Além desta informação estar presente nas páginas finais do livro, encontramos ocorrências sobre a sua participação na causa abolicionista em dois jornais do Rio Grande do Norte, que estão armazenados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. São eles: o jornal *A Ordem*, que na edição 00759, do ano de 1938, publicou a notícia “O cinquentenário da libertação dos escravos em Currais Novos” e o *Diário de Natal*, que na edição 10411, de 1978, traz uma nota sobre o tenente-coronel Cypriano Lopes de Vasconcelos Galvão e menciona o nome de Laurentino Bezerra de Medeiros como um dos integrantes da Comissão Libertadora de Currais Novos. Informações disponíveis em: <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=764051&pesq=%22Laurentino%20Bezerra%20de%20Medeiros%22&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=3057> e https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=028711_02&pesq=%22Laurentino%20Bezerra%20de%20Medeiros%22&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=25333. Acesso em: 29 de agosto de 2025.

personagem que teceu narrativas sobre si e que as pessoas que o conheciam também escreveram sobre ele.

Como bem nos preconiza Philippe Artières, podemos considerar que Laurentino Medeiros se preocupou em arquivar as suas vivências em meio as atividades pastoris. Por meio do seu cotidiano construiu uma imagem para si, sua família e os outros.

Mesmo que seja uma prática íntima, o arquivamento do eu¹⁷ muitas vezes tem uma função pública, pois ao partirmos da ideia de construção autobiográfica,¹⁸ o sujeito em tela é, simultaneamente, testemunha e autora dos fatos que decidiu registrar tanto sobre o cotidiano em sua fazenda quanto nos elementos basilares para compreendermos o sistema alimentar sertanejo.

Em termos metodológicos, iremos cruzar as suas memórias com outros documentos do período tais como Relatórios dos Presidentes de Província do Rio Grande do Norte e jornais. Mesmo que o relato tenha características autobiográficas, devemos ter em mente que não é portadora da verdade, assim como não é uma prática neutra, pois envolve escolhas e omissões, ditos e não-ditos do que será narrado.¹⁹

Ademais, dialogaremos com uma bibliografia que versa sobre história da alimentação, abastecimento e hábitos alimentares numa perspectiva histórico-antropológica. Neste sentido, entendemos que além de ser imprescindível para a vida e a sobrevivência da humanidade, a alimentação é moldada pela cultura e sofre os efeitos da forma como a sociedade se organiza.²⁰ Outrossim, a História da alimentação nos fornece análises importantes para entendermos as conformações históricas, a organização social e os conflitos entre os grupos sociais, principalmente em períodos de calamidade,²¹ como é o caso da nossa pesquisa.

Por isso, os fatos que aparecem nas memórias de Laurentino são de fundamental importância para pensar a História da Alimentação no Brasil, tais como: a Revolta do “Quebra Quilos”; os roubos de gado e assaltos feitos por ladrões e bandidos às fazendas do Seridó e os efeitos das secas no século XIX, principalmente a de 1877²².

¹⁷ Philippe Artières. “Arquivar a própria vida”. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, no 21, 1998, p. 32.

¹⁸ Priscila Fraiz. “A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema”. *Revista Estudos Históricos* 21 (1998), p. 75.

¹⁹ Maria Teresa Cunha. “Diários pessoais: territórios abertos para a História”. In: Carla Bassanezi Pinsky e Tânia Regina de Luca (org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo Contexto, 2009, p. 272. E Philippe Artières. “Arquivar a própria vida”, *Op. Cit.*, p. 31.

²⁰ Ana Maria Canesqui, Rosa Wanda Diez Garcia. “Uma introdução à reflexão sobre a abordagem sociocultural da alimentação”. In: Ana Maria Canesqui (org.). *Antropologia e nutrição: um diálogo possível*. Editora Fiocruz, 2005, p. 9.

²¹ Julie Cavignac et. al. *Comida da terra, op. cit.*, p. 57.

²² O ano de 1877 não foi emblemático somente no contexto das Províncias do Norte do período imperial brasileiro. Mike Davis menciona que a grande seca de 1876 a 1879 foi apenas a primeira do que considera de as três crises de subsistência global na segunda metade do reinado de Vitória. Em 1889-91, anos secos, mais uma vez trouxeram fome

Além disso, seus registros são importantes para o campo da História da alimentação, porque é perceptível que, diante dos trabalhos realizados na sua fazenda, podemos entender que estratégias sua família adotava em tempos de seca, quais alimentos consumiam neste período e em épocas de bonança, as escolhas alimentares que faziam, como o gado era alimentado, os preços dos gêneros alimentícios como a farinha, assim como a movimentação no comércio e nas feiras.

Neste sentido, a fonte articula memória individual por comportar as experiências pessoais de um fazendeiro a memória coletiva, pois sua escrita está inserida em contextos sociais do sertão, que atuaram como base para o trabalho da reconstrução de suas memórias²³. Assim, a memória deixa de ter apenas a dimensão individual, pois ela não coexiste isolada de um grupo e das múltiplas relações sociais que a envolve²⁴.

Ademais, é válido enfatizar que as memórias escritas pelo sujeito em tela partem do lugar social²⁵ de uma pessoa que possuía bens e tinha acesso a determinados alimentos que a maioria da população não podia comprar. Este aspecto também será problematizado nas próximas páginas, nas quais convidamos os/as leitores/as a degustar o enredo de suas narrativas.

A complexa trama de fartura e escassez nas memórias de Laurentino Medeiros

Laurentino Bezerra de Medeiros nos revela um complexo sistema alimentar sertanejo que oscila entre a fartura e a escassez, às quais definem os preços dos gêneros alimentícios, o movimento das feiras e do comércio, a lida cotidiana em sua fazenda, principalmente com o gado, as ações governamentais em situações de calamidade pública, como as constantes secas e a fome, assim como as táticas e estratégias²⁶ que os/as sertanejos/as adotavam para ter acesso aos alimentos e se nutrirem. Diante dos aspectos levantados, queremos ampliar a possibilidade de uso dos testemunhos deste fazendeiro para pensarmos a alimentação no Seridó potiguar, no período dos oitocentos. Conforme apontamos, a conformação espacial do Seridó foi ocasionada pela economia pecuarística. Neste sentido, o gado aparece na narrativa de Medeiros e os dados

para Índia, Coréia, Brasil e Rússia, embora o pior sofrimento houvesse sido na Etiópia e no Sudão, onde morreu talvez um terço da população. Mike Davis. *Holocaustos Coloniais – Clima, fome e imperialismo na Formação do Terceiro Mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2002. p. 16-17.

²³ Maria Teresa Cunha. "Diários pessoais", *op. cit.*, p. 259. Maurice Halbwachs. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Vértice, 1990.

²⁴ *Idem*.

²⁵ Michel de Certeau. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 65.

²⁶ Michel de Certeau. "Fazer com: usos e táticas". In: *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Editora Vozes, 1998 (3ª ed.).

referentes a pecuária abrangem boa parte das lembranças que escreveu. Um dos primeiros aspectos diz respeito a própria alimentação do gado. No ano de 1857, Medeiros relatou que seu rebanho emagreceu em virtude da falta de pastagem, o que lhe causou grande prejuízo.²⁷ Logo, esta situação desencadeava consequências na própria base alimentar dos/as sertanejos/as, pois deste animal se comia a carne, se tirava o leite das vacas e produzia-se os derivados como queijo e manteiga, alimentos estes fundamentais na dieta seridoense. Em casos mais extremos, até o couro foi considerado como alimento emergencial (assado e pilado com farinha) em períodos de seca.²⁸

Julie Cavignac e colaboradores discutem que a pecuária, além de definir os aspectos econômicos e os modos de vida, tornou a dieta hipercalórica e superprotéica, pois era a fonte que dava maior energia para os vaqueiros livres e os escravizados que lidavam com o trabalho pesado nas fazendas.²⁹ No tocante aos aspectos sociais, a carne de gado constituía-se como um privilégio, sinônimo de riqueza e até poder.³⁰

Levando em consideração essa característica de narrar a fartura e a ausência, no ano de 1865, o fazendeiro dá destaque ao primeiro aspecto, quando nos informou que neste ano o inverno foi favorável, o que contribuiu para a produção do capim, que iria alimentar seu rebanho, fundamental para a engorda destes animais.³¹ Além do capim, Medeiros também os alimentava com xique-xique, cacto nativo da caatinga.

O referido fazendeiro também nos revela os locais onde comprava novos rebanhos. No ano de 1876, relatou que mandou fazer uma compra de rebanho de Caicó-RN até Pombal-PB. No entanto, o gado que comprou dessas localidades chegou muito tarde a sua fazenda, o que lhe causou prejuízo.³²

Posteriormente, a discussão sobre a pecuária tornou-se pauta na Assembleia Legislativa Provincial do Rio Grande do Norte. Ao proferir o seu discurso, o Presidente José Nicolao Tolentino de Carvalho abriu a sessão informando que a seca agravou uma das maiores fontes de receita da província, ou seja, o dízimo dos gados e que pensava em medidas para lidar com esse déficit financeiro³³.

Diante deste contexto, o segundo aspecto das suas narrativas diz respeito as informações sobre os períodos de chuva. Numa região de poucos índices pluviométricos, este fenômeno acabava despertando a atenção de fazendeiros como Laurentino Bezerra de Medeiros, que faziam questão de registrar com riqueza de detalhes o que acontecia quando chovia no sertão.

²⁷ Ausônio Tércio de Araújo, *op. cit.*, p. 17.

²⁸ Julie Cavignac *et al.*, *op. cit.*, 2018, p. 39.

²⁹ *Idem.*

³⁰ *Idem*, p. 48. Julie Cavignac *et al.*, *op. cit.*, 2016, p. 127.

³¹ Ausônio Tércio de Araújo, *op. cit.*, p. 23.

³² *Idem*, p. 34.

³³ Relatório com que o Exm. Sr. Dr. José Nicoláo Tolentino de Carvalho, Presidente da Província passou a administração della, ao Vice-Presidente, Exm. Sr. Dr. Manoel Januario Bezerra Montenegro em 6 de março de 1878.

No ano de 1860, por exemplo, destacou que o inverno foi favorável para a plantação de milho de cidades potiguares como Nova Cruz e os Brejos e registrou que a produção de queijo também foi muito boa em sua propriedade.³⁴ A produção de legumes, principalmente de jerimum³⁵ era outra informação presente no relato do sujeito em tela.

O inverno trazia a fartura para o sertanejo, mas também causava problemas. No ano de 1875, Laurentino destacou que o inverno foi muito rigoroso a ponto de inundar a cidade de Caicó, destruindo “60 e tantas casas inclusive um bom sobrado a pouco acabado”.³⁶ Ademais, causou calamidades como a destruição de muitas lavouras, ocasionando prejuízos alimentares, a ponto de alguns plantadores não comerem bem. Como forma de ajudar estas famílias, informou que o governo mandou dinheiro para socorrer os pobres até aparecer a produção de legumes em maio.

Além disso, destacou que esta população passou por muita necessidade, que a farinha³⁷ e o milho vinham de cidades como Teixeira e Pombal, localizadas no estado da Paraíba.

O jornal *Brado Conservador*, da Cidade do Assú, informou que nesta e em outras localidades próximas, as chuvas foram parciais e as águas armazenadas nos rios e açudes não foram suficientes para o desenvolvimento da lavoura e da criação,³⁸ o que corrobora com nossas afirmações de que o regime pluviométrico oscilava bastante de uma cidade para outra da província potiguar.

As memórias de Medeiros versam também sobre um item base que era fundamental na alimentação sertaneja: a farinha. Este foi um dos itens que apareceu com frequência nas narrativas do nosso sujeito histórico, que trazem

³⁴ Ausônio Tércio de Araújo, *op. cit.*, p. 18-19.

³⁵ O jerimum (abóbora), como chamamos no Nordeste, faz parte da família da *cucurbitáceas*. Na culinária, o jerimum é muito consumido cozido e na feijoada. No dicionário de medicina popular de Chernoviz, a denominação é abobreira e o referido médico indicava as suas sementes para expulsar a solitária e as lombrigas do organismo, na qual eram trituradas com açúcar e misturada no leite. Pedro. L. Napoleão Chernoviz. *Dicionário de Medicina Popular*. 6ª ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890, vol. 1, p. 18.

³⁶ Ausônio Tércio de Araújo, *op. cit.*, p. 32.

³⁷ Sobre o funcionamento do mercado interno no Rio Grande do Norte durante o século XVIII e primeira metade do século XIX, ver o artigo de Thiago Alves Dias. “Farinha e carne no sertão. Fome e carestia no litoral: aspectos do mercado interno no Rio Grande do Norte (séc. XVIII a XIX)”. *Revista Galo* 3 (17 jul. 2021), p. 23-51. Neste texto, Dias analisa dois gêneros alimentícios que eram base da alimentação colonial: a carne bovina e a farinha de mandioca para mostrar que, inicialmente, eles foram largamente produzidos no litoral para atender as demandas populacionais dos primeiros séculos de colonização. Com a conquista dos sertões houve, por um lado, a ampliação das fazendas de criar gado e das lavouras de mandioca e, por outro, a Câmara de Natal “passou a legislar e ser mais operante em proteção ao mercado interno e de subsistência, trazendo essa matéria para o centro das questões jurisdicionais e da organização do estado burocrático local” (p. 26).

³⁸ Clamores do Sertão. In: *Brado Conservador – Cidade do Assu*, 13 abr. 1877, nº 26, ano II, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/713953/per713953_1877_00026.pdf.

pormenores da oscilação dos preços, da fartura e/ou escassez do alimento entre outros aspectos que passaremos a destacar a seguir.

No tocante à produção de farinha, o fazendeiro narrou em 1864 que ele produziu farinha por três semanas e que vendeu o produto a mais de dez mil réis.³⁹ É perceptível nas memórias, que sua fazenda produzia farinha a ponto de gerar excedentes como em 1873, no qual o bom inverno propiciou fartura de farinha, que o fez produzi-la em agosto e que vendeu o restante a uma pessoa chamada Joaquim Rangel.⁴⁰

Provavelmente, a fazenda de Medeiros possuía casa de farinha e o processo de sua fabricação demandava trabalho cooperado. Neste sentido, as atividades ligadas ao fornecimento de gêneros alimentícios tanto para o consumo próprio, mas também para serem vendidos, injetava dinheiro e movimentava a economia local. Por sua vez, em casos de bom inverno, os fazendeiros costumavam armazenar os produtos excedentes, como batata, grãos, farinha, rapadura, queijo, dentre outros, para o período de entressafra e estiagem.⁴¹

A oscilação deste gênero alimentício foi outra informação que Laurentino acompanhou com frequência. Nos anos de 1868, 1870, 1877 e 1878, o preço da farinha foi registrado, respectivamente, a mil, três mil, três mil e quatro a cinco mil réis por dez litros. Essa oscilação, principalmente no período da seca de 1877 a 1879 ocasionou mortes por fome e migração das populações, chamados de retirantes⁴² pelas autoridades provinciais. Também destacou que, em 1878, no mês de junho, o preço da farinha chegou a baixar, no entanto, só era encontrada nos portos, nos brejos e no agreste⁴³.

O açude é uma tecnologia importante no relato de Laurentino, porque em sua propriedade havia a existência deste recurso hídrico. Em relatos que oscilam entre a abundância e escassez da água armazenada, encontramos em seus registros a informação de que seu açude possuía peixe, o que nos demonstra variedade de proteínas de origem animal em sua fazenda. Isso fica evidente em seu relato de janeiro de 1874, no qual o açude secou e ocasionou a mortandade dos peixes.⁴⁴

³⁹ Ausônio Tércio de Araújo, *op. cit.*, p. 21.

⁴⁰ *Idem*, p. 29.

⁴¹ Nathália Maria Montenegro Diniz. *Velhas fazendas da Ribeira do Seridó*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2008, p. 97. E Julie Cavignac *et al.*, *op. cit.*, 2018, p. 16.

⁴² A respeito da representação que as autoridades provinciais tinham sobre os retirantes, ver Francisco Ramon de Matos Maciel. *"A produção de flagelo": a re-produção do espaço social da seca na cidade de Mossoró (1877-1903-1915)*. Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013. p. 65. E Avohanne Isabelle Costa de Araújo. *Flagelados, desvalidos e doentes: doenças no período da seca de 1877-1879 na Província do Rio Grande do Norte*. *Anais do 16º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*, Campina Grande, 2018, p. 1-16.

⁴³ Ausônio Tércio de Araújo, *op. cit.*, p. 43.

⁴⁴ *Idem*, p. 30.

A falta d'água não afetou a sua produção de jerimum, inclusive, esta hortaliça aparece constantemente em seus relatos, a ponto de destacar que o excedente desta produção fez com que vendesse e a distribuísse em 1876.⁴⁵

Julie Cavignac e colaboradores discutem que era comum haver troca, venda e/ou distribuição dos excedentes agrícolas entre os vizinhos e moradores próximos às fazendas. Portanto, o nosso personagem comia o que se criava e se plantava em suas terras.⁴⁶

Assim como o preço da farinha, o dos legumes também chegou a aumentar durante a seca de 1877. Apesar disso, o relato de Laurentino nos mostra que fazendeiros como ele conseguiram sobreviver ao período de estiagem, descortinando a pluralidade de experiências das populações sertanejas, pois em 1878 sua propriedade apresentou boa fartura no açude a ponto de apurar setecentos mil réis no jerimum. Outros alimentos foram mencionados como a melancia, feijão e maxixe.⁴⁷

Além da proteína base ser a carne de gado, outras iguarias proteicas eram consumidas pelos sertanejos seridoenses, como animais típicos da fauna sertaneja como as aves de arribação.⁴⁸ Esta informação aparece nos relatos de Laurentino que, em 1878, narrou que esta ave pôs seus ovos no Trairy e Potengy e a época de reprodução delas se estendeu até setembro daquele ano e que este tipo de coisa nunca havia sido visto na Serra de Santana. No caso do Trairy, a reprodução foi favorável em virtude do refrigério.⁴⁹

Em períodos de escassez e secas, era comum a população procurar alimentos na natureza, onde se comiam pequenos animais e frutas silvestres. Cavignac e colaboradores consideram que os conhecimentos ligados à fauna e à flora comestível “se propagaram no seio de muitas famílias, sedimentando saberes nativos”.⁵⁰

Mesmo tendo uma fazenda que promovia autossustento para ele e sua família, destaca que os alimentos também vinham de outras localidades, sendo boa parte delas de cidades da vizinha Paraíba. Esta estratégia era importante,

⁴⁵ *Idem*, p. 33.

⁴⁶ Julie Cavignac *et al.*, *op. cit.*, 2016, p. 94.

⁴⁷ Maxixe (*cucumis anguria*) é uma hortaliça típica de climas quentes, muito comum na região Nordeste. Cresce de forma rasteira e é caracterizado por ser verde, possuir formato oval e pequenos espinhos moles, mas não pontiagudos. É rico em zinco, cálcio, ferro, fósforo, magnésio e sódio e também em vitaminas B e C. Na culinária, é utilizado em saladas e ensopados. C.B Radar Redação. “O vegetal esquecido que pode transformar sua saúde”. In: *C.B Radar*. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/cbradar/o-vegetal-esquecido-que-pode-transformar-sua-saude/>. Acesso em: 29 de agosto de 2025. Pedro Luís Napoleão Chernoviz também fez menção ao maxixe em seu dicionário. Pedro. L. Napoleão Chernoviz. *Dicionário de Medicina Popular*. 6ª ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz. 1890, vol. 2, p. 389. Ausônio Tércio de Araújo, *op. cit.*, p. 43.

⁴⁸ Até hoje, a carne dessa ave é considerada iguaria, vendida ou consumida ilegalmente, sendo a caça regulamentada ou proibida. Julie A. Cavignac *et al.*, *op. cit.*, 2016, p. 135.

⁴⁹ Ausônio Tércio de Araújo, *op. cit.*, p. 43.

⁵⁰ Julie Cavignac *et al.*, *op. cit.*, 2016, p. 144.

inclusive em períodos de estiagem, principalmente quando os gêneros alimentícios se tornavam mais escassos.

No entanto, outras táticas eram acionadas em períodos de seca, principalmente advindas do poder público, que enviavam “esmolas” aos famintos da seca e Laurentino destacou essa medida em suas memórias do ano de 1878.⁵¹ Ausônio Tércio de Araújo menciona que o termo não tinha o contexto pejorativo de hoje,⁵² até porque este era o nome que o poder público utilizava para se referir às assistências prestadas aos retirantes como a distribuição de gêneros alimentícios, sementes para plantio, conforme demonstram os Relatórios dos Presidentes de Província do Rio Grande do Norte.

Uma das funções das comissões de socorros públicos, criadas pelos presidentes de província, era a distribuição de alimentos à população retirante, tais como barricas de bolacha, sacos com farinha, arroz, milho, feijão e fardos com carne seca.⁵³ O próprio Laurentino nos dá detalhes de suas táticas e estratégias para ter menos prejuízos com os dois anos de estiagem de 1877. Destacou que, em fins de maio, ele subiu a serra para produzir roçado, que precisou carregar água em bois e mandioca nos burros. Que no dia 4 de junho queimou xiquexique para alimentar o gado que estava morrendo de fome.⁵⁴ Informou também que “tem-se vendido muitos escravos, os gados e animazes baixaram tanto que se compra uma vaca por 2\$ e 3\$ mil reis”.⁵⁵

Mesmo com as consequências das secas, é preciso refletirmos em como isso impactou ou não o comércio das cidades sertanejas. No tocante a este aspecto, apesar de todos os efeitos da estiagem, Laurentino nos relata que era possível encontrar em quase todas as feiras e povoações farinha, milho, rapadura, arroz, bolacha.⁵⁶ Já no tocante ao comércio, é perceptível que o fazendeiro se preocupa em tecer um relato comparativo com secas passadas conforme vemos abaixo:

O comercio não estancou como nas secas passadas de 25 e 45, segunda as tradições. Em Currais Novos compadre Joca tem sustentado uma loja de fazenda groças e bem sortidas, Manoel Francisco venda de molhados e viveres. Joaquim Tortinho uma bodega com especie de hotel onde os transeuntos encontrarão sempre café (já preparado), bolacha, manteiga, bolo, tapióca, que tendo dinheiro matam a fome.⁵⁷

⁵¹ Ausônio Tércio de Araújo, *op. cit.*, p. 43.

⁵² *Idem*, p. 7.

⁵³ Falas com o que o Exm. Sr. Doutor José Nicolau Tolentino de Carvalho abriu a 2ª sessão da 21ª legislatura da Assembleia Provincial do Rio Grande do Norte em 18 de outubro de 1877, p. 51.

⁵⁴ Ausônio Tércio de Araújo, *op. cit.*, p. 36.

⁵⁵ *Idem*, p. 37.

⁵⁶ *Idem*.

⁵⁷ *Idem*, p. 37-38.

A fome não passou despercebida por Laurentino durante a seca de 1877, assim como os furtos, provavelmente de pessoas que estavam em situação de insegurança alimentar. No tocante aos efeitos da fome, destacou o caráter extraordinário da mortandade do povo. Na cidade de Macau, região litorânea potiguar, a mortandade chegou de 30 a 40 por dia e a miséria provocada pela fome atingiu as cinco Províncias do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco.⁵⁸

O relato de Laurentino é uma fonte importante para uma revolta emblemática que ocorreu nas províncias do Norte: a chamada Revolta do Quebra Quilos. No ano de 1875, Medeiros teceu as seguintes informações sobre a revolta:

Em fim de 74 para entrada deste ano o povo sublevou-se por cauza dos pesos e medidas pelo novo sistema metrico, ouve a revolução chamada quebra kylos, isto em Currais Novos ouvi faciozos o governo mandou tropas, butou-se xxxxx culete de couro⁵⁹ em muita gente, o chefe aqui foi Cypriano de Manoel Eugenio.⁶⁰

No trecho acima, é possível perceber que o Governo enviou tropas para conter o povo. A Revolta do Quebra-Quilos ocorreu entre 1874 e 1875, nas Províncias do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Na face mercantil dessa revolta estava a mudança do padrão de pesos e medidas tradicionais para o sistema métrico francês, além de que os comerciantes teriam que aderir a novos impostos e aluguel dos artefatos de “medidas” nas Câmaras.

Este cenário contrasta com a imagem de Percy Lau, na qual o feirante utilizava outros recipientes para colocar os gêneros alimentícios nas sacolas dos seus clientes, demonstrando um outro cenário das feiras antes dos padrões métricos serem adotados e que, conseqüentemente, geraram a revolta acima descrita.

Outrossim, no Rio Grande do Norte, este cenário foi agravado com a economia em crise, devido à queda dos preços do açúcar e do algodão no mercado mundial, fatos que provocaram a significativa baixa das rendas provinciais. No intuito de recuperar a renda, os governos provincial e municipal aumentaram os impostos “já existentes e criaram novos, dentre eles o imposto de consumo sobre gêneros básicos, como farinha e carne seca, vendidos em feiras e mercados, geralmente por pequenos lavradores”.⁶¹

⁵⁸ *Idem*, p. 42-43.

⁵⁹ Segundo Armando Souto Maior, os prisioneiros eram amarrados e em seguida metidos em grosseiros coletes de couro cru. Ao ser molhado, o couro encolhia-se, comprimindo o tórax das vítimas, quase asfixiando-as. Armando Souto Maior. *Quebra-quilos: lutas sociais no outono do Império*. São Paulo: Brasiliense, 1978, p. 33.

⁶⁰ Ausônio Tércio de Araújo, *op. cit.*, p. 33.

⁶¹ Denise Mattos Monteiro. *Introdução à história do Rio Grande do Norte*. 3.ed. Natal: EDUFRRN, 2007, p. 115.

O novo sistema de pesos e medidas, que passou a ser executado em 1873, foi a gota d'água para a revolta acontecer, pois a população começou a desconfiar desse sistema e atacou mercados e feiras, destruindo as balanças. No Rio Grande do Norte, a revolta ocorreu nas seguintes cidades e vilas: Santo Antônio, Ielmo Marinho, Acari, Caicó, Jardim do Seridó, Patu, Alexandria, Marcelino Vieira, Luís Gomes, Santa Cruz e Coronel Ezequiel.⁶²

É perceptível, ao longo da discussão, a relevância do relato de Medeiros para a compreensão das práticas alimentares do Seridó. Neste sentido, os relatos de memória nos permitem perceber como era o cotidiano das pessoas e o que faziam em épocas de bonança e ausência alimentar.

A lida com o gado, os alimentos destinados a sua engorda, as dificuldades em manter o rebanho em períodos de estiagem e a importância deste animal na produção de queijos e carnes, elementos base da dieta sertaneja; o registro detalhado da oscilação de preços da farinha; o abastecimento das feiras e do comércio; o plantio e a produção de hortaliças em suas terras, tais como melancia e jerimum; a venda dos excedentes agrícolas; os efeitos causados pelas secas e enchentes; informações sobre a fome e, até mesmo a importante revolta de pesos e medidas, ou seja, o Quebra Quilos, demonstram que seu texto memorialístico é atravessado pelas tensões e dilemas do mundo ao qual estava inserido.⁶³

Todavia, este tipo de fonte difere de outras documentações como os relatórios provinciais, os quais traziam apenas demandas, resoluções e informações administrativas que o Estado executava em tempos de calamidade pública. Além disso, as memórias de Medeiros revelam a complexa trama de fartura e escassez, mostrando a pluralidade de experiências no sertão potiguar, que versam tanto sobre os retirantes que migravam em busca de alimentos quanto os fazendeiros, que conseguiram produzir e sobreviver em contextos de seca por terem propriedades de terra e gado descortinando, portanto, as desigualdades sociais e alimentares.

Considerações finais

Diante do exposto, podemos inferir que nossos objetivos foram alcançados, uma vez que foi possível mapear as memórias de Laurentino Bezerra de Medeiros, com o intuito de refletirmos sobre a sua importância acerca do sistema alimentar sertanejo da região do Seridó Potiguar no período do oitocentos. Assim, nos valem da sábia lição de Maria Teresa Cunha quando afirma que, como ferramenta de uso social, a escrita pode salvar do esquecimento ao “fixar no tempo vestígios de passados e, assim, escrever se

⁶² Avohanne Isabelle Costa de Araújo. *Curar, fiscalizar e sanear: as ações médico-sanitárias no espaço público da Cidade do Natal (1850-1889)*. Teresina: Editora Cancioneiro, 2022, p. 117-118.

⁶³ Maria Teresa Cunha, *op. cit.*, p. 253.

constitui em uma forma de produção de memória e, por conseguinte, em instrumento de construção do passado”⁶⁴, movimento este feito pelo personagem analisado em nossos estudos.

Suas memórias nos revelam quais eram as preocupações que um fazendeiro tinha, ao mesmo tempo em que nos faz pensar o que era relevante ou não de ser registrado sobre seu cotidiano. No entanto, descortinam as desigualdades no tocante ao acesso de gêneros alimentícios de quem não possuía propriedades de terra. Para estes, restavam os auxílios enviados pelos governos Central e Provincial, porém, não foram suficientes para combater a fome dos retirantes, como bem deixou registrado Medeiros.

Reafirmando o que discutimos na introdução, a alimentação e as práticas que envolvem desde o abastecimento até o seu consumo, são fundamentais para entendermos como determinadas populações se organizam, se estruturam, produzem e distribuem os alimentos. E as memórias de Laurentino Bezerra de Medeiros nos ajudam a entender estes aspectos.

Referências

- ARAÚJO, Ausônio Tércio; MACÊDO, Muirakytan; CAVIGNAC, Julie (org.). *Lembranças oferecidas a meu filho Ulisses aos 2 de abril de 1877*. Biblioteca Seridoense: Caicó, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/items/2e31723f-22a3-447c-a409-83b51c074cfe> e https://museutronco.cchla.ufrn.br/?page_id=114. Acesso em: 05 de junho de 2025.
- ARAÚJO, Avohanne Isabelle Costa de. *Curar, fiscalizar e sanear: as ações médico-sanitárias no espaço público da Cidade do Natal (1850-1889)*. Teresina: Editora Cancioneiro, 2022.
- ARAÚJO, Avohanne Isabelle Costa de. “Flagelados, desvalidos e doentes: doenças no período da seca de 1877-1879 na Província do Rio Grande do Norte”. *Anais do 16º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*, Campina Grande, 2018, p. 1-16.
- ARTIÈRES, Philippe. “Arquivar a própria vida”. *Revista Estudos Históricos* 21 (1998), p. 9-34.
- CANESQUI, Ana Maria; GARCIA, Rosa Wanda Diez. “Uma introdução à reflexão sobre a abordagem sociocultural da alimentação”. In: CANESQUI, Ana Maria (org.). *Antropologia e nutrição: um diálogo possível*. Editora Fiocruz, 2005, p. 9-19.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CERTEAU, Michel de. Fazer com: usos e táticas. In: *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998, p. 91-106.
- CAVIGNAC, Julie A. MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. SILVA, Danycelle. DANTAS, Maria Isabel. *Comida da terra: notas sobre o sistema alimentar do Seridó*. Natal: Sebo Vermelho, 2018.
- CAVIGNAC, Julie A. MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. SILVA, Danycelle. DANTAS, Maria Isabel. O Seridó nas panelas: história, organização social e sistema alimentar. In:

⁶⁴ *Idem*, p. 251.

- WOORTMANN, Ellen. CAVIGNAC, Julie A. *Ensaio sobre a antropologia da alimentação: saberes, dinâmicas e patrimônios*. Natal: EDUFRN, 2016, p. 91-180.
- CHERNOVIZ, Pedro. L. Napoleão. *Dicionário de Medicina Popular*. 6ª ed. Paris: A. Roger & F. Chernoviz. 1890, vols. 1 e 2.
- CUNHA, Maria Teresa. Diários pessoais: territórios abertos para a História. In PINSKY, Carla Bassanezi, Luca, Tânia Regina de (orgs.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo Contexto, 2009. p. 251-279.
- DAVIS, Mike. *Holocaustos Coloniais – Clima, fome e imperialismo na Formação do Terceiro Mundo*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- DIAS, Thiago Alves. "Farinha e carne no sertão. Fome e carestia no litoral: aspectos do mercado interno no Rio Grande do Norte (séc. XVIII a XIX)". *Revista Galo* 3 (17 jul. 2021), p. 23-51.
- DINIZ, Nathália Maria Montenegro. *Velhas fazendas da Ribeira do Seridó*. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2008.
- FRAIZ, Priscila. "A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema". *Revista Estudos Históricos* 21 (1998), p. 59-87.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Editora Vértice, 1990.
- MACÊDO, Muirakytan Kennedy de. *A penúltima versão do Seridó: uma história do regionalismo seridoense*. Natal/ Campina Grande: EDUFRN/ EDUEPB, 2012.
- MACIEL, Francisco Ramon de Matos. *"A produção de flagelo": a re-produção do espaço social da seca na cidade de Mossoró (1877-1903-1915)*. Dissertação (mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013.
- MATTOS, Maria Regina M. Furtado. *Vila do Príncipe-1850/1890 Sertão do Seridó – Um estudo de caso da pobreza*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1985.
- MONTEIRO, Denise Mattos. *Introdução à história do Rio Grande do Norte*. 3.ed. Natal: EDUFRN, 2007.
- MORAIS, Ione Rodrigues Diniz. *Seridó norte-rio-grandense: uma geografia de resistência*. Caicó: Ed. do autor, 2005.
- SOUTO MAIOR, Armando. *Quebra-quilos: lutas sociais no outono do Império*. São Paulo: Brasiliense, 1978.

Contribuição recebida em 31 de agosto de 2025.

Aprovada em 08 de março de 2026.